



Wengst, Klaus | 28.02.2005

Aspetos neotestamentários da fala trinitária sobre Deus

Klaus Wengst

Expostos em vista da pretendida mudança da Ordem Eclesial da Igreja Evangélica da Vestefália¹

1. Introduzintes

A decisão sinodal da Igreja na Renânia de 1980, pioneira para as Igrejas Evangélicas de Países na Alemanha, "Para a renovação do relacionamento de cristãos e judeus" teve também efeitos à EkvW (Evangelische Kirchen von Westfalen = Igrejas Evangélicas da Vestefália). As pessoas na Vestefália são circunspetas. Assim, a ocupação com o assunto de "cristãos e judeus" era um processo lento, mas contínuo. No Sínodo de País de 1988, foi deliberada uma volumosa "Elaboração da comissão teológica permanente: relação entre cristãos e judeus". Nela são, primeiro, apresentados documentos correspondentes com a sua história e pré-história e, a seguir, - classificados em sete "pontos principais de colóquio" - documentados, bem como apresentados em comparação e criticamente apreciados. O Sínodo do País aceitou agradecendo essa elaboração, recomendando-a como "projeto para o trabalho ulterior". Para esse trabalho ulterior, nomeou doze perguntas, projetando uma deliberação sobre eles num dos próximos encontros sinodais. Ao Sínodo de País de 1994 foi submetida uma tomada de posição da comissão "Cristãos e Judeus", entrementes organizada: "Quem somos nós como Igreja de Jesus Cristo na presença de Israel? A nossa culpa e a nossa procura de caminhos de volta". O sínodo viu "nela uma continuação das tomadas de posição eclesiais até agora ao relacionamento de cristãos e judeus, bem como um fundamento capaz de ampliação para a continuação no assunto". À essa continuação foi agora dada uma direção clara, no pedido da direção da Igreja de "fazer o relacionamento de cristãos e judeus, num projeto principal, o assunto de toda a Igreja do País, tratando-o com preferência no sínodo". No encontro sinodal de 1998, um projeto principal muito considerado, "Deus não repudiou o seu povo (Rm 11,2)", foi publicado² e deliberado pelo Sínodo de 1999. A declaração sinodal acordada por ela se distancia com toda a clareza "de qualquer missão aos judeus". Fundamental para isso é o reconhecimento de que "Deus, em fidelidade, mantém-Se firme na Sua aliança. Isso a Igreja confessa, quando prega a retificação do pecador por graça. Porque a fidelidade de Deus é o fundamento da nossa fé, a escolha permanente de Israel deve ser publicamente confessa pela Igreja. "Isso leva ao reconhecimento de que: "Judeus e cristãos testemunham, cada um por si e um para o outro, a fidelidade de Deus, da qual ambos vivem. Por isso, cristãos e cristãos respeitam pessoas judaicas como irmãs e irmãos na fé no Deus Único." A partir daí, a declaração sinodal afirma: "Para segurar a relação singular dos cristãos aos judeus como obrigatória para a Igreja, precisa-se dum pronunciamento respectivo na Ordem Eclesial." "Nos artigos fundamentais, ou como substituto nas determinações introdutórias, deve ser inserido um trecho, no qual se exprime a fidelidade de Deus ao Seu povo Israel e a ligação permanente da Igreja com Israel."

Na base de pronunciamentos negadores de círculos eclesiais a respeito duma mudança dos artigos fundamentais e dum parecer de direito eclesial, recolhido a essa questão, a direção da Igreja recomendou ao Sínodo do País de 2000 que a pretendida inserção deva ser feita nas determinações introdutórias. O Sínodo do País aderiu a isso, acrescentando: "Isso deve ser examinado, se isso for possível numa formulação trinitária." Em vista desse pedido, alguns temiam que aqui se devesse dar uma retirada a bastões eclesiais segurados. Podiam ser confirmados pelo suplemento do "preâmbulo

da constituição da Igreja do País de Lippe do 24 de novembro de 1998"⁴. Esse preâmbulo se refere à Sagrada Escritura, aos credo da Igreja antiga, à "Confissão da Reforma" e à declaração teológica de Barmen, desdobrando a confissão em formulações trinitárias concisas. Na "confissão a Deus, o Pai, que criou o mundo do nada", está acrescentado aqui: "e escolheu o Seu povo de Israel, mantendo-lhe a fidelidade". Aqui se trata, de fato, somente duma pequena adição dentro do ambiente dominante de pronunciamentos -tradicionalmente cristãos - uma adição, que não consegue indicar a reconstrução fundamental necessária da teologia cristã.

Mas me parece, todavia, estar no tempo e sendo preciso descrever a relação da Igreja a Israel em perspectiva trinitária. Nisso, se deve tratar de descobrir e conscientizar a ligação com Israel exatamente no falar trinitário de Deus. Se isso não acontecesse, a relação dos cristãos aos judeus, para a Igreja, não estaria sendo considerada, em última análise, como decisiva. Se a referência a Israel for somente ancorada no primeiro artigo, no segundo vagamente, no máximo, apontada e, no terceiro pronunciado de modo nenhum, como isso acontece no credo novo de preferência usado no Domingo de Israel⁵, embora isso signifique, - em comparação com o esquecimento de Israel das confissões da Igreja antiga - uma melhora, deixa, ainda, o "propriamente cristão" livre de Israel. Com isso, permanece, todavia, aberta a possibilidade de, na descrição de identidade cristã, encobrir a relação a Israel dada desde o início, continuando-a pôr sobrepujando o Judaísmo ou até em oposição a ele. Como exemplo seja apontado para a contribuição da Câmara para Teologia da EKD (Evangelische Kirche Deutschlands = Igreja Evangélica da Alemanha): "Fé cristã e religiões não-cristãs. Guias teológicas." Onde se trata de fundamentos, encontram-se aqui "Guias Teológicas" em desdobramento trinitário; a relação da Igreja a Israel, no entanto, está sendo deixada fora, não sendo estimada fundamentalmente. Assim, o Judaísmo está sendo nivelado totalmente nas religiões não-cristãs, sendo, no desdobramento cristológico, como "a forma primitiva permanentemente permanente" da contradição à fé cristã e das demais religiões. Nestas, também o Judaísmo está incluído, quando se reza no desdobramento pneumatológico: "Deus não deixa que Lhe tirem os seus amados pelas religiões humanas." Perante disso, será para insistir em que: de um lado a fala cristã específica de Deus é trinitária e que, de outro lado, na questão da relação da Igreja ao Judaísmo, não se trata dum assunto à margem, mas sim pelo centro fundamental da fé para o auto-entendimento próprio, porque Deus, Aquele em que ela crê por Jesus Cristo, na Sua fidelidade, é e permanece Deus de Israel. A seguir, porém, ambas as coisas devem ser consideradas juntas e postas em relação uma com a outra.

A direção eclesial da EkvW, entretanto, introduziu uma lei eclesial para a mudança da Ordem eclesial. Duma subcomissão de membros da Comissão Permanente Teológica, da Comissão de Coordenação da Ordem Eclesial e da Comissão e da Comissão Cristãos e Judeus foi, em re-ligação às comissões mencionadas, um projeto de texto, o qual deva ser incluído no artigo 1 das determinações introdutórias de Ordem Eclesial. Sobre isso, o Sínodo do País de 2005 vai decidir. A inserção nesse lugar aproveita uma possibilidade boa. Pois o artigo 1, alínea 1, retoma a respeito da coisa e, parcialmente, também no teor do artigo fundamental I, alínea 1. A primeira frase do artigo fundamental reza: "A Igreja Evangélica da Vestefália está fundada no Evangelho de Jesus Cristo, a palavra encarnada de Deus, o salvador crucificado, ressurgido e que voltará, o qual é a cabeça da sua comunidade e único Senhor." Isso está sendo assumido, no artigo 1, alínea 1, assim: "A Igreja Evangélica de Vestefália julga sobre a sua doutrina, dando-se a sua Ordem em obediência perante o Evangelho de Jesus Cristo, o Senhor da Igreja." A isso, se junta o texto novo com alínea 2, assim que a até agora alínea 2 chega a ser alínea ³. A inserção nesse lugar permite também deixar o texto restante sem o alterar. Pela inserção, a "obediência perante o Evangelho de Jesus Cristo", na alínea 1 expressa, está sendo protegida dum entendimento cristológico estreitado e recolhida teologicamente em desdobramento trinitário na inserção: Ela (a EkvW) faz isso na confiança no Deus trinitário, Que criou céu e terra, Que escolheu Israel como o Seu povo e Lhe mantém a confiança, Que em Jesus, o judeu, o cristo crucificado e ressurgido, chama pessoas humanas a Si, fazendo-as, pelo espírito santo, junto com Israel, Suas testemunhas e herdeiros da promessa."

O texto desse complemento consiste duma frase principal e de várias frases relativas paralelas

subordinadas a ela. Na frase principal, a Igreja Evangélica da Vestefália é sujeito, como nas duas frases originais circundantes a complementação do artigo 1. Ela faz o mencionado na alínea 1 "na confiança no Deus triuno". Em que essa confiança se baseia, está sendo desdobrado nas frases relativas no agir triplico de Deus, como a Igreja, na sua história, o experimentou em si e o reconheceu. Nisso, está sendo também esclarecido que esse Deus único, triunfante agindo, não é outro que o Deus de Israel, o qual mantém a Sua confiança a Israel, ponde a Igreja permanentemente em relação a Israel, a relacionando a ele.

Finalizando seja, nessa introdução, ainda apontado o problema, que é importante para o entendimento dessa suplementação. Não se podia tratar de formular um credo completo de fé. Segundo a resolução do Sínodo de País de 1999, a encomenda era somente ancorar a ligação da Igreja com Israel na Ordem Eclesial. A resolução do Sínodo do País de 2000, de tentar isso numa tentativa duma formulação trinitária, é que não se pode realizar, se os pronunciamentos da tradição de formulações trinitárias de fé forem retomadas, ou quando se aludir a elas. Também se não se tratar dum credo completo de fé, será, então, indispensável, assumir pronunciamentos da tradição, e não só formular o novamente reconhecido a partir da Bíblia. Esse novamente reconhecido não será, com isso, imediatamente recolhido, nivelado e desvalorizado na sua importância pela tradição. Ao contrário: Ajuda descobrir a dimensão nele expressa na tradição, fazê-la compreensível, levando-a exatamente, com ele, a luzir.

Antes que, agora, falar de cada um das sentenças da inserção e, com isso, com textos bíblicos, antes de todos neotestamentários, e os trazer ao colóquio, queria, porém, primeiramente perguntar o que cristãs e cristãos propriamente urge a falarem de Deus trinitariamente, e se há, para tanto, impulsos no Novo Testamento.

2. Quais impulsos o Novo Testamento dá às cristãs e cristãos a falarem trinitariamente de Deus?

Anteponho uma tese: Cristãs e cristãos precisam falar de Deus trinitariamente, porque com Ele - diferente da judaica - não estão, para assim dizer, ligados por Abraão, Isaac e Jacó, mas sim através de Jesus Cristo. Essa tese precisa ser fundamentada no relacionamento contínuo ao Novo Testamento.

Cristãs e cristãos são, com já o seu nome indica, relacionados a "Cristo". Segundo At 11,26, esse nome, originalmente na Antioquia, lhes foi dado de fora. A designação ali estando de *christianoi*, no alemão então propriamente "Christianer" (em português então: cristianos > cristãos: PvW), permite ser explicada pelo uso da língua latim. Ligações de palavra, formadas dum nome dum homem e da desinência *-iani*, são ali extraordinariamente freqüentes, designando sempre os seguidores políticos do homem designado pelo nome. A formação verbal "cristianos", então, espelha, na sua origem, a percepção da repartição romana provincial de Antioquia, a qual, nas reuniões de associações de pessoas, estava interessada em nada senão no perigo para a ordem política. Os assim denominados se apropriaram dessa denominação mais tarde. 1Pd 4,12-16 mostra como isso aconteceu num contexto martirológico: Cristãos foram acusados como cristãos, citados em juízo e condenados, porque foram tidos como capazes de todos os feitos maus. Perante isso, o autor dessa carta exorta que de jeito nenhum se mostrem como assassinos, ladrões ou outros malfeitores. Mas, se sobrar como ponto único de acusação o ser cristão, se deve cumprir com isso.

Se aqueles que criaram a desinência disseram "cristianos", e não "Jesuanos", os assim designados devem ter tido posto "Cristo" como grandeza de referência para si mesmos. Para eles, isso não era - diferente dos serviços públicos - um mero nome. Sobre o significado titular dessa designação devem ter estado claros: o Ungido, o Messias. Isto Jesus era para eles, embora, nos olhos de outros, obviamente tivesse fracassado pelo seu fim na cruz. Ele o era para eles, porque criam que Deus agira nele escatológica e neocriativamente. Pois este é o princípio base do Novo Testamento: "Deus ressuscitou Jesus dos mortos." Por isso, no que refere a Jesus, se trata,-com isso, ao mesmo tempo e

inclusive dum relacionamento ao Deus que está agindo nele e por ele. Isso é o ponto de partida do falar trinitário, o que obriga a ele: Trata-se de esclarecer que se refere ao próprio Deus quem se referir a Jesus.⁶

Expressamente, seja remetido nesse lugar para um artigo de JÜRGEN SEIM: O Deus de Israel e o Deus triunfo ou: Como cristãos falam convenientemente do Deus de Abraão, Isaac e Jacó? Como "o elemento novo na fé em Deus" acentua "a ressuscitação de Jesus" , "... a fé no Deus de Abraão, Isaac e Jacó ... se amplia à fé no Deus que ressuscitou Jesus dos mortos - o que é que não se opõe à tradição bíblica e judaica de fé." Mas: "A elaboração teológica dessa ampliação não mais aconteceu em discussão direta com as parceiras e parceiros judaicos de colóquio, mas sim com outros" ..., a saber, "no campo de tensão entre a tradição bíblica e da filosofia grega" Assim, resulta "que a doutrina trinitária representa o esforço de provar a verdade da tradição bíblica sobre Deus na pessoa de Jesus e a asseverar no campo da filosofia pagã encontrada"

Cf. também DIETRICH NEUHAUS, "Será que o dogma trinitário e cristológico da Igreja antiga é antijudaico?", em: "Com a nossa força, nada feito" ...

FS DIETER SCHELLONG: "O desenvolvimento da doutrina trinitária era necessária exatamente para poder perseverar na unidade, unicidade e mesmissimidade de Deus"

Assim se diz em Jo 14,1 em formulação paralela: "Crede em Deus, e crede em mim!" Essa intimação não se refere a um modo ao lado do outro de modos de fé relacionados a pessoas distintas. Quem confiar em Jesus, crer nele, confia no Deus de Israel nele presente. O lado a lado lingüístico da confiança em Deus e da confiança em Jesus tem uma analogia bíblica em Ex 14,31. Aí se diz do povo de Israel, depois da experiência da salvação do mar de juncos: "E creram em Adonái e em Moisés, Seu servo." No início do versículo fora dito: "Aí, Israel viu a mão forte, o que Adonái fez ao Egito." Que viram no acontecimento aqui narrado a mão forte de Deus, já é expressão da sua fé. Em situação quase sem saída escutaram a palavra de Moisés como palavra de Deus de marchar pelo mar e experimentar salvação.

No registro de Ex 14,31 no Midrash, está sendo cantado o cântico dos cantos da fé:

""E creram em Adonái e em Moisés, Seu servo" (Ex 14,31). Se creram em Moisés, quanto mais em Adonái. Isso veio para te ensinar que todos, que crêem no pastor fiel, são assim como se creriam na palavra dAquele que falou e o mundo chegou a ser. Análogo é na palavra: "E o povo falou contra Deus e contra Moisés" (Nm 21,5). Quando falaram contra Deus, quanto mais contra Moisés. Mas isso veio para te ensinar que todos que falam contra o pastor fiel, são assim como se falariam contra Aquele que falou e o mundo chegou a ser. ... E assim encontras que Abraão, nosso pai, herdou este mundo e o mundo por vir graças à fé com a qual creu em Adonái; e Ele lho abonou como retidão" (Gn 15,6) ..."⁷

Essa experiência de Israel da fé que salva está atrás da exortação dupla de Jo 14,1: "Crede em Deus, e crede em mim!" Ela se condensou, em vista a Jesus, na confissão de que Deus o suscitou dos mortos. Essa confissão testemunha "a mão forte de Deus"; esta não deixou a execução de Jesus ser o último daquilo que está para ser falado sobre ele. Assim, João testemunha o Deus de Israel como Deus que, na morte na cruz de Jesus, anda junto na humilhação mais profunda e a supera. NEle se fixa a fé, nEle está sendo posta a confiança.

O pronunciamento de Jesus em Jo 12,44 aponta isso mais enfaticamente: "Quem crer em mim, não crerá em mim, mas sim nAquele que me enviou." Não se trata duma fé isolada em Jesus, duma cristologia que esteja por si, mas sim do reconhecimento de Deus em Jesus presente. Se for para falar exclusivo, então somente assim que a fé que olha para Jesus se fixa exclusivamente em Deus, a Quem reconhece aqui como agindo. Quem crer em Jesus não crê neste, mas sim em Deus. João acolhe a idéia de mensageiro, enquanto que Jesus fala de Deus como de Quem Que o enviou. O mensageiro não é idêntico com aquele que o envia, mas, na execução da sua tarefa, está no lugar

dele. A diferença entre o mensageiro e aquele que o envia, a diferença entre Deus e Jesus, se deixa, em Jo 12,44, esclarecer repentinamente em que a afirmação desse versículo simplesmente não é inversível. Jesus não podia dizer: "Quem crer naquele que me enviou, não crê naquele que me enviou, mas sim em mim." Mais uma vez: Nos pronunciamentos de relação entre Deus e Jesus, se trata de frisar que põe em Deus Mesmo a sua confiança quem se meter com Jesus. Com isso - a partir do Novo Testamento - ponto de partida e fim do falar trinitário estão sendo marcados.⁸

A doutrina trinitária é a tentativa intensiva de formular as afirmações neotestamentárias sobre Jesus e o espírito na sua relação a Deus no contexto do pensar grego. Aqui se realizou um trabalho magnífico de pensar. Essa parte da nossa própria tradição não deveria ser desatentamente posta ao lado, mas sim pensada ulterior. Aqui, se trata a seguir de relacionar o falar trinitário sobre Deus a lugares neotestamentários - e, com isso, ao contexto judaico dos mesmos. Um pensar ulterior da doutrina trinitária, o qual respeita o relacionamento judaico, oferece FRIEDRICH-WILHELM MARQUARD: "Ah!, estivéssemos aí - uma utopia teológica".

O até agora exposto, porém, é, para assim dizer, somente binitário. Que isso não basta, mas que é preciso falar trinitariamente, resulta do simples fato de que Jesus não está imediatamente acessível para nós. Foi executado na cruz e morreu. Segundo da ressuscitação testemunhada dele, não existe no mesmo modo como o era antes. Isso, p. ex., segundo a narrativa de João, Mirjam de Magdala precisava aprender. Quando no suposto jardineiro - por ele tratado pelo nome - conhecera Jesus finalmente, quis retomar o antigo relacionamento familiar. Precisava aprender, porém, largar Jesus como o conhecia antes da sua morte, para contar com ele num modo novo. Depois da Sexta Feira Santa e da Páscoa, Jesus existe, antes de tudo, na sua palavra. Mas para que a sua palavra passada seja, ao mesmo tempo, viva-presente, requer o espírito para tanto. Ele é a força da repetição, que repete a obra de Jesus e, com isso, repete no testemunho lembrador da sua comunidade aprendedora. Assim o evangelho de João o descreve do "espírito da verdade", do "assistente" (Jo 14,16-17.25-26; 15,26-27). Porque Jesus estará presente, pode, se despedindo, adjudicar paz aos seus discípulos (Jo 14,27), exortando-os que não se deixem assustar e não desanimem (Jo 14,1.27; cf. 16,33, pode-lhes anunciar alegria (Jo 16,22). Enquanto Jesus está sendo repetido e, com isso, trazido de volta pelo espírito, o Deus nele agindo está presente. Esse espírito, que é e dá a força para repetir, é mesmo o espírito de Deus, que ressuscitou Jesus dos mortos (cf. Rm 8,11).

Esse espírito, então, traz as palavras de Jesus de volta para eficácia cada vez presente. Não o faz por repetição literal. Deverem as palavras de Jesus chegar à eficácia do mesmo modo numa situação outra, precisam ser modificadas. Essa necessidade se exprime pelo fato de que os quatro evangelhos mostram textos muito diferentes.⁹

Que o mesmo precisa ser mudado para ficar o mesmo numa outra situação, mostra, na tradição rabínica, muito impressionantemente a história de Moisés na casa de ensino de Rábi Akiba.

O espírito, que faz as palavras de Jesus novamente eficazes, é o espírito do Deus de Israel, o qual, na ressuscitação de Jesus, agiu escatológica e neocriativamente. No repetir das palavras de Jesus, as faz chegar a efeito assim, que nisso chama os povos do mundo.

Porque a crida ressuscitação de Jesus dos mortos está sendo entendida como neocriação escatológica, estão sendo feitas, no Novo Testamento, afirmações da alteza de Jesus em tanta densidade. O que Jesus arranja, não é novo. Pode ser completamente descrito com palavras da Escritura, era e está sendo, então, em Israel também sem Jesus. Mas a abrangência está agora extensa. Isto é o novo no Novo Testamento, que os povos do mundo são chamados ao Deus de Israel, que podem experimentar a sua amizade e Lhe podem servir, sem precisar se tornar judias e judeus. A qualificação da ressuscitação de Jesus como tempo final e a inclusão dos povos do mundo formam a especialidade de Jesus também em comparação com Moisés.

Isso chega a ser claro, quando Paulo em 1Cor 8,6, frente à existência efetiva de muitos deuses e donos no mundo e às exigências dos mesmos, esclarece o que vale "para nós":

*"Um só Deus, o Pai,
de quem tudo existe e nós a Ele,
e um só Senhor, Jesus Cristo,
pelo quem tudo existe e nós através dele."*

Segundo a forma, temos, neste trecho, uma aclamação. Quem aclama, reconhece poder e se submete a ele. Aqui, Deus está sendo confessado e reconhecido como Deus único, e Jesus com Senhor único. A Deus compete fundamento e fim, a Jesus mediação. A aclamação de 1Cor 8,6 enfatiza, então, a unicidade e mesmissimidade de Deus, a Quem os fiéis de Cristo corintenses de entre os povos chegaram pelo que falou em Jesus a Sua palavra criativa. Esse agir de Deus está em vista, quando, ao lado da unicidade de Deus, também a unicidade do Senhor Jesus Cristo chega a ser conhecida - e, naturalmente, não se trata duma confissão a um deus segundo. Como o contexto de 1Cor 8,6 o esclarece, a aclamação ao Deus agindo na criação e neocriação deve ser entendida exclusiva. Dirija-se contra todas reivindicações de poder de todos os outros deuses e senhores. Assim, essa aclamação ao um só Deus, ao pai, e ao um só Senhor, Jesus Cristo, pode também ser indicada uma como redação nova do "Ouve, Israel!" (Dt 6,4) em situação modificada, a saber, sob a condição de que, nas comunidades que surgem pelo anúncio do Cristo, pessoas judaicas e de entre os povos se experimentam e entendem como criação nova.¹⁰

3. À formulação trinitária da relação a Israel no esboço para o artigo 1 da Ordem Eclesial da EKvW

A inserção proposta no artigo 1 das determinações introdutoras da Ordem Eclesial fala na oração principal da confiança no Deus triuno. Em que se baseia essa confiança, as orações subordinadas seguintes o expõem, desdobrando o agir de Deus trinitariamente.

a) O Deus fiel a Israel

No primeiro desdobramento da agir de Deus, duas orações subordinadas estão lado a lado. Uma nos está familiar: "Que criou céu e terra". De onde sabemos disso? Conhecemo-lo já da primeira oração da Bíblia, da primeira oração do Antigo Testamento, o qual já antes era e até hoje é a Bíblia judaica. "No começo, Deus criou céu e terra." Assim está sendo semelhantemente assumido no encômio sobre Deus, "Que cria o céu e o expande, estende a terra e o que dela brota" (Is 42,5). "Que cria o céu, Ele é Deus, Que forma a terra" (Is 43,18). Mas, esse mesmo criador do mundo diz segundo o mesmo testemunho bíblico: "E agora, assim diz Adonái, Que te criou, Jacó, Que ti, Israel, formou: Não teme! É que te salvei, chamei-te pelo nome: Meu és tu" (Is 43,1). E assim o complemento da Ordem Eclesial segue o testemunho bíblico, quando continua: "Que escolheu Israel a ser Seu povo e lhe mantém a fidelidade". O Criador do céu e da terra, o Deus do mundo todo, no é um deus-de-qualquer-um, mas sim o Deus de Israel. Isso está, também no Novo Testamento, sempre e sempre suposto com evidência, está sendo muitas vezes exposto e, em três lugares também terminologicamente.

Esses lugares sejam citados aqui: No fim duma contemplação sobre muitas curas de Jesus em Mt 15,29-31, se diz sobre a reação das pessoas: "E louvaram o Deus de Israel" - e não a Jesus como o feitor do milagre. Em Lc 1,68 começa Zacarias, que volta a poder falar, com uma bênção: "Bendito Adonái, o Deus de Israel, pois Ele vê o Seu povo e efetua a sua libertação." No sermão, que Paulo profere na sinagoga da Antioquia da Pisídia e no qual ancora o acontecimento com Jesus na história de Israel, começa com a oração: "O Deus deste povo de Israel escolheu os nossos pais..." (Apg 13,17).

Mas, se Deus, com Quem cristãs e cristãos são ligados por Jesus Cristo, é Deus de Israel, significa isso: Deus está determinado por Sua relação de aliança com o Seu povo de Israel e, porque é "o

Deus fiel que guarda a aliança e a amizade" (Dt 7,9), fica também assim. Não se trata, então, nem dum deus absoluto nem dum conceito abstrato de deus. O Deus bíblico não pode ser reconhecido tirado (*abstráido*) e desprendido (*absoluto*) do Seu povo, mas sim, como *Deus de Israel* somente junto com o Seu povo. Isso, porém, significa então também que cristãs e cristãos possam descrever as suas próprias experiências transmitidas mediadas por Jesus Cristo. Mas, para identificar essas como experiências com o Deus de Israel, precisam do testemunho judaico. Pois Deus, somente na história continuada com o Seu povo, fica reconhecível como Deus de Israel. Quão pouco cristãs e cristãos devem reivindicar poder de definição para o conceito de "Israel", tão pouco podem descrever - ou ainda prescrever à Judiaria - quem seria o Deus de Israel. Manifestar o Deus de Israel é coisa do testemunho de vida da Judiaria.¹¹

Cf. MICHAEL WYSCHOGROD: "O Deus de Israel Se decidiu de acoplar o Seu nome ao povo Israel." Esse nome - "Deus de Abraão, Isaac e Jacó" ... "liga a identidade de Deus ao povo Israel".

A reconhecibilidade de Deus como do Deus de Israel depende do testemunho judaico. Assim se diz no Midrash: ""E sereis Minhas testemunhas, dito de Adonái, e Eu sou Deus" (Is 43,12). Se sereis Minhas testemunhas, sou Deus; e se não sereis Minhas testemunhas, não só, para assim dizer, Deus."¹²

... Em Midrash aos Salmos 51,3, ... Davi, como quem fala do Salmo 51,6, em conexão com Is 55,4 perante Deus, que testemunhe aos povos "que aceitas os que se convertem ..., e não só eu, mas todo o Israel; pois está dito: "Sereis as Minhas testemunha - fala de Adonái - e o Meu servo, a quem escolhi" (Is 43,10)."

Sobre essa mais vezes encontrada afirmação da solidariedade do nome de Deus com Israel, está sendo dito em outro Midrash: "Rábi Shim"om bem Jochaj ensinou: Deus sou para todos que vêm ao mundo, mas só com o povo de Israel liguei o Meu nome. Não sou chamado de "Deus de todos os povos", mas sim "Deus de Israel". Deus, vosso Deus sou."¹³

Olhando para Jesus Cristo ficando, ao mesmo tempo, atentos para o testemunho judaico, descobrimos que o Deus, que nos encontra em Jesus, é exatamente Aquele Quem Israel testemunha. Por causa da conhecibilidade de Deus como Deus de Israel, o qual, por Jesus cristo, se prova também como sendo o Deus nosso, a Cristandade está sendo remetida a uma relação fraternal e de parceira à Judiaria.

b) Jesus, o judeu

Também na oração subordinada, a qual desdobra o agir de Deus em Jesus Cristo, se encontra uma afirmação tradicionalmente conhecida, quando fala de Jesus como "do Cristo crucificado e ressuscitado". Com isso, está sendo retomado o testemunho básico do Novo Testamento, o seu princípio de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos, virando a sua vergonhosa e miserável morte na cruz em benefício para nós. Nessa perspectiva pascal, Jesus está sendo percebido no Novo Testamento; trata-se nisso pelo reconhecimento e desdobramento do - como Paulo o formula marcadamente - "Deus estava em Cristo" (2Cor 5,19). Por isso, todo o perguntar por um Jesus "histórico" está completamente irrelevante. Essa perspectiva pascal, porém, não exclui, com os Evangelhos o testemunham antes de tudo, o agir e o destino da pessoa humana, mas sim os inclui. E essa pessoa humana era judeu. Isso consta em toda a estreiteza e clareza neste lugar do suplemento: Jesus, o judeu - para um desdobramento solene da fé muito inusitado e muito salutar.

Nos evangelhos, Jesus está sendo apresentado como judeu e entre judeus. Nada daquilo que diz ou faz é singular no modo que o levasse para fora do Judaísmo, ou que não pudesse não ser entendido dentro da margem do Judaísmo. Sem par é somente aquilo que está sendo testemunhado como agir de Deus no Jesus crucificado e ressuscitado: que o **tem** ressuscitado dos mortos. Mas o que, a partir

daí guiado, ainda está sendo contado de Jesus, tem correspondência mais ou menos forte na literatura judaica restante. A afirmação da unicidade se baseia, em regra, em conhecimento defeituoso. Perante isso, será importante respeitar atenta e compreensivamente o testemunho judaico da literatura da tradição rabínica com curiosidade e respeito, não se mantendo ignorante a respeito dele, não o mal entendendo ignorante ou até malévolo.

Segundo o testemunho do Novo Testamento, Deus não chegou a ser pessoa humana, assim que se pudesse, teológico-antropologicamente em geral falar de Jesus como da face humana de Deus. O testemunho do Novo Testamento fala mais precisamente de que a palavra chegou a ser carne (Jo 1,14). Mas apontadamente seria dizer: a palavra de Deus carne judaica.¹⁴

Cf. KARL BARTH, ...: "A palavra chegou a ser - não "carne", pessoa humana, pessoa humana humilhada em alguma generalidade, mas sim carne *judaica*."

Ainda que não se encontre terminologicamente, é que, em Israel, tem o assunto de chegar a ser carne da palavra de Deus a partir de Abraão.¹⁵

Visando a relação de Deus a Israel, WYSCHGOROD formula: Deus tem "através dum povo, entrado no mundo, povo esse que Se escolheu como a Sua moradia. Assim, se chegou a uma presença visível de Deus no universo, primeiro na pessoa de Abraão e, depois, nos seus descendentes, o povo de Israel" ... Esse modo de falar se deixa inteiramente qualificar de incarnatória. Cf. ... onde diz que o Judaísmo, com a apresentação de Deus entrar no mundo das pessoas humanas seria "encarnador", e que a Cristandade teria "concretizada essa teoria".

Há ela na ligação indissolúvel de Deus com o Seu povo. Ela se mostra marcadamente na tradição rabínica: que Deus, na Sua presença¹⁶ com o Seu povo em cada um dos exílios nos quais foi escravizado.

Com a versão "Deus, na sua presença" reproduzo o conceito de *SheKINÁH*, que designa a inabitância de Deus no meio do Seu povo.

Cito, como exemplo impressionante uma passagem dum Midrash: "...E assim encontras: enquanto os israelitas foram escravizados, Deus, na Sua presença, era, para assim dizer, escravizado com eles." Isso está sendo fundado em Is 63,9: "Em toda aflição deles Lhe era aflição." Adiante se diz a seguir: "Rábi Akiba diz: Se não estivesse escrito na Escritura, seria impossível o dizer. Os israelitas falaram como que perante o Santo, bendito seja Ele: Salvaste-Te a Ti Mesmo.

A saber, na liberação de Israel do Egito. Assim lê e entende 2Sm 7,23: "...Teu povo que salvaste do Egito, um povo e o seu Deus."

E assim encontras: Em qualquer lugar, em que os israelitas foram exilados, Deus foi como que exilado com eles. Foram exilados ao Egito, Deus, na Sua presença, com eles. Pois está dito: "Exilado, exilado fui na casa do teu pai, quando estavam no Egito" (1Sm 2,27). Foram exilados à Babilônia, Deus, na Sua presença, com eles. Pois está dito: "Por causa de vós fui enviado à Babilônia" (Is 43,14). Foram exilados a Elam, Deus, na sua presença, com eles. Pois está dito: "Erigi o Meu trono em Elam" (Jr 49,38). Foram exilados a Edom, Deus, na Sua presença, com eles. Pois está dito: "Quem é que aí vem de Edom, de Bosra, de roupas manchadas de vermelho?" (Is 63,1). E, quando então voltam, Deus, na sua presença, como que volta com eles. Pois está dito: "E voltará Adonái, teu Deus, com teu cativo" (Dt 30,3). Ela (a Escritura) não diz: "Ele trará de volta", mas sim: "Ele voltará".¹⁸ ... O que em Jr 40,1 está sendo dito do profeta Jeremias, que era "amarrado em cadeias", está sendo, no Midrash ...: "como que" dito também de Deus, O Qual, ao lugar de Jeremias, vai ao exílio com o Seu povo. Segundo o Midrash sobre os Salmos 1,20 ... Deus até vai com o Seu povo pelo inferno. SEIM anota em vista da fala hipostática de Deus no Judaísmo - ... -: "Vimos que a doutrina de

trindade ... está na tradição bíblica e judaica, que ela, pelo menos, pode ser melhor entendida a partir dessa tradição do que de fórmulas filosóficas.

O que assim vale da relação entre Deus e o Seu povo Israel, está sendo afirmado, no Novo Testamento, a respeito dessa única pessoa judaica, a qual, porém, não viveu sozinha, mas sim no meio do seu povo. A ela não devemos, portanto, olhar com antolhos, assim que a contemplemos isoladamente, não percebendo mais nada além dela. A vista não obstruída a ela liberta, antes, a nossa vista às suas irmãs e irmãos. Se, então, for importante "que Jesus é um judeu nascido" (assim Lutero na sua escrita de 1523), não o podemos reconhecer como judeu por si mesmo, mas sim só no meio do seu povo.

Na época do assassinio em massa em homens, mulheres e crianças pela Alemanha, alguns judeus viram em Jesus crucificado o seu irmão judaico e companheiro de sofrimento. Essa solidariedade de Jesus com o seu povo expressaram, antes de todos, Marc Chagall nos seus cantos de crucificação e Hermann Adler em poemas. ...

Como agir de Deus, se afirma no segundo lugar do complemento que neste judeu Jesus, o cristo crucificado e ressuscitado, "chama a Si pessoas humanas". Essa formulação, que fala sem artigo de "*Menschen*" [pessoas humanas], é, neste caso, o mais exata possível. Assim corresponde à realidade histórica, aos fatos perceptíveis. Outras formulações seriam altamente problemáticas. Isso seria mostrado para dois casos:

a) Se, antes de "pessoas humanas", se inserisse o artigo definido "as" ou - ainda reforçando - "todas", então se incluiria nessa afirmação o povo de Israel no todo. Com isso seria negado que já há muito tempo estivera chamado por Deus. "Chamei-te pelo nome, És Meu" (Is 43,1). Com isso, seria negado que Israel experimentou e experimenta a promessa e fidelidade de Deus e, também por sua parte, tentou e tenta a corresponder a ela. Com isso, seria negado o que logo consta na terceira alínea, a qual supõe bem naturalmente que Israel é testemunha de Deus. Com tudo isso, então, seria contrariado exatamente tudo aquilo que é que deve ser a intenção desse inserto e o que também a resolução do sínodo do País de 1999 expõe, antes de tudo, na sua alínea terceira, na qual o Sínodo de País se distancia de qualquer missão aos judeus.

b) Jesus, o judeu

Caso que, se a formulação "pessoas humanas" quisesse precisar por uma caracterização "pessoas de entre os povos", seria também isso não sem problema. No projeto principal de 1999, está sendo citada a afirmação de Franz Rosenzweig sobre Jo 14,6, na qual ele aceita que o seu primo convertido, Rudolph Ehrenberg, chegou ao Pai por Jesus Cristo. Se algumas judias e judeus aceitam Jesus com Messias, quem somos nós que o possamos excluir? Mais uma vez: A abertura e indeterminação são aqui a maior precisão possível.

c) Pelo espírito santo, juntos com Israel

A última oração descrevente o agir de Deus pelo espírito santo mantém, pela versão "junto com Israel" uma pressuposição importante. Aquilo para o que os chamados a Deus em Jesus estão sendo feitos, vale para Israel já antes e sem a relação a Jesus. Estão sendo feitos, é isso a primeira afirmação - testemunhas de Deus pelo espírito santo. O espírito santo confisca, para assim dizer, aqueles aos que se comunica para Deus e os põe em serviço. Em vista às pessoas de entre os povos, esse conexo chega a ser exposto especialmente explícito em At 10,44-46. Enquanto Pedro, na casa do centurião Cornélio, conta, diante os parentes e conhecidos íntimos deste, de Jesus e do com este acontecido, o espírito santo vem sobre os ouvintes. Os poucos, com Pedro presentes fiéis cristãos não podem compreender isso; ouvem que, como efeito do espírito, os outros glossalizam e louvam a Deus.

Em correspondência com isso, são, biblicamente, "os santos", os por Deus pelo Seu espírito

confiscados e postos em serviço. Assim, Deus já sempre agiu com Israel, fazendo os israelitas as Suas testemunhas. "Santos deveis ser. Sim, santo sou Eu, Adonái, vosso Deus" (Lv 19,2). "Deveis Me ser um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Ex 19,6). A última destinação mencionada está sendo interpretada no Midrash assim: "'E uma nação': Ela (a Escritura) os chamou de 'nação'. Pois está dito: 'E quem é, como o Teu povo de Israel, uma única nação na terra etc.? (2Sm 7,23) 'Santa': Santos e santificados, separados dos povos do mundo e dos seus ídolos."²⁰

Na tradição judaica, a fé em Deus está sendo ligada com o dom do espírito.

Essa ligação está sendo estabelecida por Paulo, quando enfatiza perante os Gálatas que receberam o espírito "na base do anúncio da fé" (Gl 3,2.5).

Na tradição judaica, a fé em Deus está sendo ligada com o dom do espírito;²¹ e esse dom leva a louvar a Deus. Assim, a sucessão de Ex 14,31 ("E creram em Adonái e em Moisés, o Seu servo") e Ex 15,1 ("Aí cantaram Moisés e as crianças de Israel") está sendo interpretada no Midrash: "Grande é a fé com a qual os israelitas creram naquele que falou e o mundo chegou a existir; pois graças ao que os israelitas creram em Adonái, o espírito da santidade pousava neles e cantaram um canto."²² O caminho aberto pela confiança em Deus e andado nessa mesma confiança leva para fora do aperto. Que andam nesse caminho, se reconhecem a si mesmos como determinados pelo espírito de Deus. O espírito resultante da confiança está sendo reconhecido como dado por Deus. Esse espírito leva o experimentado no caminho a ser louvor a Deus.²³

Assim, não surpreende que, noutro lugar, o espírito santo está sendo ligado a alegria: "Rábi Jona disse: Jona ben Amitái pertencia aos peregrinos. Entrou para a alegria da casa de tirar (na festa dos tabernáculos); e o espírito de santidade pousava sobre ele - para te ensinar que o espírito da santidade não pousa senão num coração alegre" ... Livro Evangélico de Canto: ...: "És um espírito de alegrias, não ligas com estar de luto..."

Como, pelo espírito da santidade, Israel foi segregado dos ídolos, tornando-se, com isso, testemunha para a unicidade de Deus, assim o evangelho de Jesus Cristo, no espírito escatologicamente dado, chama os povos a ser verterem dos ídolos a Deus "para servir ao Deus vivo e verdadeiro" (1Ts 1,9), cf. também 1Pd 2,5.9-10.

Os assim crescidos devem, como Igreja de Jesus Cristo, perceber que estão, junto com Israel, na comunidade de todos os santos. Assim, precisam aprender comportar-se numa parceria genuína perante o Judaísmo, É essa uma parceria no testemunhar o Deus único, a Quem, como o seu criador, pertence o mundo em todos os seus âmbitos. Por isso, se trata também duma parceria na formação de retidão no mundo. Também nessa dimensão, testemunhade deve ser entendida.

Ainda e finalmente, está sendo dito no suplemento da Ordem Eclesial que o espírito santo não só os reclama, mas sim lhes dá um futuro, fazendo-os "herdeiros da promessa" - também isso "junto com Israel", este que, então, já é herdeiro da promessa. Neotestamentariamente, o modo de falar de "herdar", de "herdeiro" e dos "herdeiros" se encontra em ligação com o anúncio em Hb 6,12.17 e Gl 3,18. Nisso, sempre a figura de Abraão está em vista arquetipicamente. Deus deu a Sua promessa a Abraão, na qual este se mete e confia, uma promessa que vale como certa e garantida, a promessa dum filho, de descendência e terra, na qual a descendência pode viver, a promessa de bênção, a qual também deve chegar aos povos, os quais serão abençoados, se abençoarem "Abraão" (Gn 12,3) - tudo em tudo então: a promessa de bênção para Israel e os povos.

4. Observação final

Pelo suplemento, inserto nesse lugar da Ordem Eclesial, está expresso que a "ligação" na antiga oração 2 - agora chegada a ser oração 3 - que se refere à "obediência perante o Evangelho de Jesus Cristo, o senhor da Igreja", também inclui a solidariedade com Israel e a atenção à fidelidade de Deus ao Seu povo Israel. Quando, então, a Igreja Evangélica da Vestefália "nessa ligação" transfere os seus ofícios, exerce a sua direção e cumpre com as demais tarefas suas, ela o deve fazer assim

que, nisso, também corresponda à sua ligação com Israel e reconheça e deixe valer a fidelidade de Deus ao Seu povo.²⁵

Notas: veja no fim do texto alemão.

Texto [alemão](#).

Tradução: Peter von Werden SJ, Rua Padre Remeter, 108, Barro Baú, BR 78.008-150 Cuiabá, MT, BRASIL. pv-werden@uol.com.br